

## GT 1. Lutas camponesas e indígenas na América Latina

# Ideologia e resistência no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

Ilse Gomes Silva\*  
Joana Aparecida Coutinho\*\*

**Resumo:** O texto problematiza os confrontos presentes na ação política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST - com a ideologia dominante. Tomando por base os acampamentos e os assentamentos discute a formação de uma ideologia que seja anti-capitalista, considerando os embates gerados pelo enfrentamento com o capital. Considera que o MST, em seu cotidiano pratica os “rituais do reconhecimento ideológico” ao realizar a mística, ao valorizar seus militantes, ao escolher como heróis militantes que foram importante para as conquistas da classe trabalhadora e nomear os acampamentos e assentamentos, ao celebrar suas lutas em músicas e poesias, ao definir suas datas comemorativas e ao elaborar seus símbolos. A intenção do texto é provocar o debate sobre a contribuição do MST para a construção de uma ideologia da classe trabalhadora.

**Palavras-chave:** Ideologia; Hegemonia; Contra-hegemonia.

### Introdução

Hoje, não é possível desconhecer o papel da ideologia como “matriz geradora que regula a relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável, bem como as mudanças dessa relação” (ZIZEK, 1994:7). Embora desvendar os processos ideológicos

---

\* Doutora em Ciência Política, professora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, coordenadora do Grupo Estudos de Política, Lutas Sociais e Ideologia - GEPOLIS e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais - NEILS. ilse@terra.com.br

\*\* Doutora em Ciências Sociais: Política, professora da Universidade Federal do Maranhão, coordenadora do Grupo Estudos de Política, Lutas Sociais e Ideologia – GEPOLIS, do Observatório de Políticas Públicas e Lutas Sociais e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais - NEILS. jcoutinho@uol.com.br

de dominação não se constitua em tarefa fácil, mas é essencial para a construção de uma ideologia que seja instrumento da luta emancipatória.

Quando Marx escreveu em 1848 que “as ideias dominantes de uma época sempre foram apenas as ideias da classe dominante” (MARX, 1996:85), pretendia, por um lado, alertar os comunistas para a necessidade de combater a ideologia dominante e compreender sua vinculação com a produção material da época. Por outro lado, afirmava que cabia aos comunistas construir a alternativa à sociedade burguesa imediatamente, uma vez que é “no interior da velha sociedade (que se formam) os elementos de uma sociedade nova e a dissolução das velhas ideias acompanha a dissolução das velhas condições de existência” (MARX, 1996:85). Romper com o domínio econômico, político e ideológico da classe burguesa é uma tarefa histórica do proletariado em seu processo de conquista do poder político.

No debate sobre a construção da ideologia das classes subalternas e a conquista do poder político, uma das contribuições de Gramsci foi desvendar as forças de ação da hegemonia da classe dominante. O autor considerava que na luta pelo poder político, as classes subalternas tem que “romper a unidade baseada na ideologia tradicional, sem cuja ruptura a força nova não poderia adquirir consciência da própria personalidade independente” (GRAMSCI, 1991: 11). Uma das formas proposta por Gramsci para romper com a dominação burguesa é a formação do sujeito coletivo, no caso o partido político representativo da classe subalterna, através do qual se constrói a contra-hegemonia e se massifica a sua ideologia. E a construção da contra-hegemonia deve ser cotidiana, considerando que “nenhum movimento real adquire consciência de sua totalidade de um golpe, mas só por experiência sucessiva” (GRAMSCI, 1991: 31).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST - em sua prática cotidiana de luta em que se destacam os rituais de mística, as músicas, a valorização de seus companheiros e lideranças, a gestão democrática, dentre outros, vai tecendo elementos de construção de uma ideologia da classe trabalhadora. Esses elementos nos convocam a uma reflexão sobre a ideologia da classe trabalhadora e seu enfrentamento com a ideologia dominante. Trazer para o debate a reflexão sobre a contribuição do MST para a construção de uma ideologia da classe trabalhadora é o que pretendemos abordar nesse artigo.

### **MST: resistência e prática ideológica**

No ano de 2014 o MST completa 30 anos e desencadeou uma autoavaliação de seus processos, de suas bandeiras, de sua forma de organização, funcionamento e encaminhamento das lutas. Submete-se a uma avaliação interna e externa, convocando seus "amigos" a contribuírem com essa análise. Dispõe-se a um contínuo processo de criação e recriação como forma de se manter fiel na luta contra o capitalismo e nas fileiras de construção de uma sociedade socialista.

Quando surgiu em 1984<sup>1</sup>, em Cascavel, Paraná, fruto de várias experiências de mobilização pela reforma agrária, o MST trouxe em sua bagagem a herança da luta dos trabalhadores no campo, anterior a década de 1980, adicionada das experiências da esquerda brasileira, das pastorais da Igreja Católica e do movimento de reorganização da luta contra a ditadura militar. Representou um momento de tomada de consciência do papel histórico dos camponeses.

Pode-se dizer que nenhum movimento real adquire consciência da sua totalidade de um golpe, mas só por experiência sucessiva; isto é, quando percebe através dos fatos que nada do que lhe é próprio é natural (no sentido extravagante da palavra), mas existe porque surgem determinadas condições cujo desaparecimento não permanece sem consequências. Assim o movimento se aperfeiçoa (...) (GRAMSCI, 1991: 31)

O MST também compartilha com outros movimentos sociais da América Latina a perspectiva internacionalista e se coloca como elemento dinamizador e organizador da intervenção unificada da classe trabalhadora em âmbito mundial<sup>2</sup>, atendendo à convocatória de Marx quando escreve no Manifesto do Partido Comunista: "Proletários de todos os países, uni-vos" (MARX, 1996: 99).

A penetração do capitalismo no campo, em sua versão conservadora, forjou o MST em suas entranhas. No Brasil, as relações capitalistas no campo se deram em bases violentas e conservadoras, combinando experiências chamadas de "pré-capitalistas" com o

---

<sup>1</sup> O marco da criação do Movimento dos Trabalhadores dos Sem-Terra foi a realização do 1º. Encontro Nacional dos Sem-Terra, em 20 a 22 de janeiro de 1984, em Cascavel, Paraná. Esse encontro contou com a participação de representantes dos Sem-Terra de 12 estados, além de diversas entidades de apoio. (MORISSAWA, 2001).

<sup>2</sup> A preocupação com a internacionalização da luta está presente desde a fundação do MST quando várias delegações de entidades estrangeiras participaram do seu 1º. Encontro Nacional em Cascavel, Paraná. Podemos destacar, dentre vários exemplos, a criação da Via Campesina em 1992 e da Escola Nacional Florestan Fernandes, em 2005. No período de 6 a 13 de junho de 2013, na Indonésia, a Via Campesina realizará a 6ª. Conferência Internacional da Via Campesina com a participação de cerca de 150 organizações de 70 países.

que tem de mais moderno. Na mesma medida que o capital avançava no campo, sobreviviam práticas como o trabalho escravo e o despotismo do latifundiário enquanto cresciam os conflitos em todas as regiões do país. Essas relações e conflitos foram se arrastando ao longo da história do Brasil, de modo que se adentra ao século XXI com o capital mergulhado em uma crise, que os especialistas dizem ser uma das maiores e que coloca em risco a própria humanidade. Esse contexto não apenas atualiza a luta pela terra como deposita no MST o desafio de encontrar as alternativas de enfrentamento.

O MST se organizou resgatando e renovando as experiências de lutas como a de Canudos, de Contestado e das Ligas Camponesas, exigindo que a reforma agrária se mantenha na pauta do debate político e das alternativas de superação da concentração de renda e desigualdades sociais no Brasil. As experiências anteriores, ou o passado de luta dos camponeses, alimentam os confrontos do presente de enfrentamento ao capitalismo e projeta como futuro a construção de uma sociedade anticapitalista.

Nesse processo de construir o futuro e resignificar o passado, os militantes do MST se movem em um terreno movediço. Ao identificar que “os homens fazem a sua própria história, mas não há quem faça segundo sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 2008: 207) Marx alertava os revolucionários de 1848 para “não tirar a sua poesia do passado, mas apenas do futuro” (MARX, 2008: 210). O MST se diz alerta para essa questão quando faz o balanço dos 29 anos de caminhada e escreve em sua *home page*

O país que queremos construir para todos já está presente hoje, quando podemos nos orgulhar em dizer que nenhuma criança passa fome nos assentamentos de Reforma Agrária. Uma realidade para 350 mil famílias que conquistaram a terra e resgataram sua dignidade ao longo destes 29 anos.

Embora a marca do MST seja a luta pela reforma agrária, sua ação política vai além dos limites do campo, ao colocar para a sociedade o debate político ideológico de questionamento do capitalismo. Por esse motivo o Estado brasileiro tem se esmerado em demonizar o MST por meio do qual encontra a justificativa para reprimir os seus militantes e se omitir diante da ação violenta e criminosa dos latifundiários<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Não podemos esquecer, e cobrar justiça, dos inúmeros assassinatos encomendados pelos latifundiários com a condescendência do Estado como o massacre de Eldorado do Carajás, os

Dos movimentos sociais que surgiram na década de 1980 o MST se destaca pelo contínuo desafio à sociedade capitalista, se mantendo fiel a sua luta anticapitalista, enquanto muitos se deixaram seduzir pela ideologia neoliberal. Em sua prática política cotidiana tem conseguido manter a perspectiva de renovação e resistência e reaviva, “nos outros segmentos dos movimentos populares, a disposição de continuar lutando contra as políticas de um governo que prolonga a condenação de milhões de brasileiros à condição de miseráveis” (SILVA, 2003: 42/43).

Para Petras, os movimentos sociais de resistência na América Latina como o Movimento Guerrilheiro Camponês Zapatista (EZLN) no México, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), os *Cocaleros*, na Bolívia e o MST no Brasil possuem algumas características semelhantes como a pequena presença de intelectuais universitários, suas lideranças são oriundas do próprio movimento, mantem seu funcionamento essencialmente com recursos próprios, alimentam seus laços internos e sua disposição de luta através de uma forte mística, primam por sua autonomia diante dos partidos políticos, do institucional e das ONGs, renovam sua democracia de base pela crítica ao personalismo e aos privilégios, introduziram em seu projeto político a superação de qualquer discriminação seja de gênero, étnico ou sexual. (Petras, 1997).

O MST, em sua prática política, tem enfrentado vários desafios quando se defronta com as estratégias de produção do capital, com a ideologia dominante que prioriza o indivíduo e a ação individual em detrimento da ação coletiva e a identidade de classe. O contexto em que atua limita e corrói a construção de uma ideologia que rompa com as concepções da ideologia dominante.

Na intenção de problematizar a contribuição do MST na construção de uma ideologia das classes subalternas e na sua potencialidade de contestação da ordem burguesa, tomo como referência as seguintes questões: em que medida a luta por reforma agrária pode enfrentar o questionamento da propriedade burguesa e o modelo de produção privado submetido às necessidades do capital? Que elementos novos o MST agrega à luta da classe trabalhadora contra o capital? Que tipo de sociabilidade o MST constrói no cotidiano de sua prática política?

A ideologia dominante, em cujo terreno o MST atua, interpela os indivíduos como sujeitos de direitos, livres e com vontade própria. Essa condição de sujeitos de direitos

---

assassinatos de Chico Mendes, Padre Josimo, de Dorathy Stang e muitos outros, em todas as regiões do país.

garante que a extração do sobretrabalho seja apresentada como uma relação contratual entre sujeitos livres e iguais.

A categoria do sujeito é constitutiva da ideologia uma vez que “não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para o sujeito” (ALTHUSSER, 1996: 131). O autor acrescenta ainda que “categoria do sujeito só é constitutiva de qualquer ideologia na medida em que toda ideologia tem a função (que a define) de ‘constituir’ indivíduos concretos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1996: 132).

Enquanto a ideologia dominante interpela os trabalhadores rurais sem-terra como criminosos e transforma as suas ações políticas em caso de polícia, o MST, em sua prática social, constitui os trabalhadores sem-terra como sujeitos que se reconhecem com membros de uma classe explorada pelo capital.

Por concordar com Althusser, quando afirma que a ideologia tem uma existência material onde se expressam as representações dos indivíduos de sua condição material, considero que a prática política do MST contém elementos de confronto com a ideologia dominante, embora eivados de contradições. São ricos os exemplos onde se pode identificar o exercício de práticas ideológicas capazes de se transformarem em instrumento da luta emancipatória. São expressões dessas práticas renovadoras: a mística, a identificação de seus heróis, a instituição de rituais e símbolos que revivam continuamente os processos de luta, o investimento em educação e formação política, o enfrentamento da questão de gênero na formação da direção e garantia de condições de militância para a mulher, a concepção de democracia e relação entre as instâncias de deliberação e direção.

O MST, em seu cotidiano, pratica os “rituais do reconhecimento ideológico” ao realizar a mística, ao valorizar o trabalho de base e renovação da direção, ao se preocupar com a formação política de seus militantes, ao identificar os acampamentos e assentamentos com os nomes de seus heróis, que nasceram e morreram na luta da classe trabalhadora tornando-se eternos faróis de referência da construção da utopia; ao celebrar suas lutas em músicas e poesias demonstrando que é possível endurecer sem perder a ternura; ao definir suas datas comemorativas de acordo com os momentos mais marcantes dos seus processos de organização e conquistas; ao elaborarem seus símbolos a partir da cultura local e valorizando a contribuição de homens, mulheres, jovens, idosos e crianças.

Esse cotidiano se defronta (e se opõe) com outro no qual seus militantes estão originalmente submetidos e sujeitados. No processo de produção agrícola, a cadeia de produção capitalista, as necessidades de sobrevivência e o arcabouço jurídico-político

pressionam os trabalhadores a se sujeitarem ao agronegócio, à destruição do meio ambiente, à cultura massificada dos meios de comunicação, à discriminação de gênero, à hierarquização e elitização da direção política e à naturalização da corrupção. Confrontam-se com o discurso de que tudo deve permanecer como está, que o dever do cidadão é se submeter à autoridade instituída, é zelar pela manutenção da ordem como garantia para o progresso, ou em outras palavras, sua sujeição é a garantia de reprodução do sistema socioeconômico capitalista.

Segundo Althusser (1996), a ideologia em geral funciona como um sistema quádruplo

Apanhados nesse sistema quádruplo de interpelação como sujeitos, de submissão ao Sujeito, de reconhecimento universal e de garantia absoluta, os sujeitos 'trabalham' e 'trabalham sozinhos', que vez por outra provocam a intervenção de um dos destacamentos do Aparelho (Repressivo) do Estado. Mas a vasta maioria de (bons) sujeitos trabalha direitinho 'por ela mesma', isto é, pela ideologia (cujas formas concretas realizam-se nos Aparelhos Ideológicos de Estado) (ALTHUSSER, 1996: 138).

Entretanto, o sujeito à medida que é sujeitado também se qualifica para qualificar, ou nas palavras de Therborn: "a formação dos seres humanos por toda ideologia, conservadora ou revolucionária, opressiva ou emancipatória, segundo qualquer critério, envolve um processo que é simultaneamente de sujeição e qualificação" (THERBORN, 1996: 50).

Os recursos pedagógicos, culturais e políticos que o MST constrói vão realimentando as convicções de luta e fortalecendo os laços de solidariedade. Vivenciam no seu cotidiano a utopia de construir um mundo melhor e de alcançar a vitória em sua luta pela reforma agrária. Como escreve Bogo: "os povos em luta descobrem a arte de repor as energias gastas através da mística e a continuarem através dela. Esta, como um líquido, umedece a consciência para que as sementes germinem" (BOGO, 2002: 15).

A classe trabalhadora vivencia a ideologia dominante de uma forma particular e a construção de uma nova ideologia que se contraponha à dominante será resultado da associação das noções e crenças "inerentes" e "derivadas".

O elemento 'inerente' que, como dizemos antes, era a base comum; o elemento 'derivado', ou extremo, que só podia ser efetivamente absorvido se o terreno já estivesse preparado; e as circunstâncias que, em última análise, determinavam a natureza da combinação final" (RUDÉ, 1982: 32/33).



O MST, na celebração da mística, das músicas, das poesias, expõe essa associação. Recupera os elementos "inerentes" da cultural local do camponês e acrescenta novos, "derivados" da herança de luta política do movimento da classe trabalhadora nacional e internacional. No movimento dialético de sujeição à ideologia dominante se qualificam como agentes da transformação e emancipação. De "invasores", "baderneiros" e "criminosos" como são interpelados pela ideologia dominante, os militantes do MST, ao serem qualificados pela luta anticapitalista, qualificam a classe dominante como agente da barbárie enquanto reacendem a tocha da utopia revolucionária.

A formação dos sujeitos da luta de classes envolve, no que diz respeito aos membros da classe explorada, um processo de sujeição-qualificação em que as tarefas de produzir a mais-valia são realizadas e a existência de uma dominação de classe é reconhecida, assim como seu caráter injusto e a possibilidade de resistir a ela (THERBORN, 1996: 53).

Quando foi fundado em Cascavel, Paraná, o MST partiu do reconhecimento de que eram trabalhadores rurais sem-terra por estarem "desprovidos do seu direito de produzir alimentos" e que foram expulsos do campo por um projeto autoritário implementado pela ditadura militar em seu programa de modernização no campo através dos incentivos aos grandes conglomerados da agricultura. Construíram a sua identidade de trabalhadores rurais sem-terra no processo de luta pela terra, consideram-se parte constitutiva da classe trabalhadora e se projetaram para além do campo e do espaço nacional. Reconheceram-se ao serem interpelados como sem-terra pela "Constituinte de 1946, quando colocou em pauta pela primeira vez a necessidade de reforma agrária no Brasil. (...) Mas foi a imprensa que cunhou definitivamente essa expressão a partir do final da década de 1970" (MORISSAWA, 2001: 139).

A experiência do MST nesses 29 anos de luta e conquistas é cheia de significados e tem muito a acrescentar ao histórico movimento da classe trabalhadora mundial, mas também coloca em pauta inúmeros desafios, principalmente, quanto a consolidação de uma concepção ideológica e política anticapitalista e ao avanço dos processos de unificação da ação política em âmbito nacional e internacional.

### **Considerações finais**

Alguns autores já escreveram sobre os desafios a serem enfrentados pelo MST. Almeida e Sánchez (1998), por exemplo, alertaram para "as diferenças de perspectivas



entre as lideranças do movimento, entre as direções e as bases e mesmo no interior dessas últimas" (ALMEIDA e SÁNCHEZ, 1998: 87). Mas também concordaram que, em que pese as imprecisões e ambiguidades de alguns de seus documentos e declarações de lideranças, a luta do MST pela reforma agrária e contra as políticas neoliberais geram um antagonismo que se confronta com o capitalismo, ao mesmo tempo em que semeiam as bases para a construção de um projeto de sociedade alternativo ao capitalismo.

Essas bases de construção de uma sociedade alternativa ao capitalismo precisa romper o cerco do agronegócio, da dificuldade de produção nos assentamentos que fragilizam o trabalhador rural diante das investidas do capital, da omissão do Estado que não implementa políticas públicas de acordo com as necessidades do trabalhador rural ou se omite diante da violência dos latifundiários. Romper o cerco ideológico da imprensa burguesa que projeta para a sociedade um trabalhador rural violento e atrasado em oposição ao grande agricultor moderno e instrumento do progresso.

Acredito que o MST tem as condições políticas ideológicas de enfrentar os seus próprios desafios pela maneira como analisa as suas experiências de luta. Seus militantes assumem uma postura de aprendizagem e respeito diante da diversidade de experiências que vivenciam. Compreendem que há compassos diferenciados entre os diversos povos, que a luta social avança à medida em que se constrói a unidade na luta concreta. Em sua *home page* essa concepção tem sido reafirmada quando escrevem que o compromisso do movimento

É reafirmar os valores de solidariedade; é reafirmar o compromisso com uma sociedade mais justa e igualitária; é manter aceso o legado de milhares de lutadores e lutadoras do povo; é exercer cotidianamente a capacidade de se indignar e agir para transformar; é não perder o valor do estudo e aprender sempre. E, fundamentalmente, é reafirmar nosso compromisso em organizar os pobres do campo. É momento de olhar adiante. De perceber que muito já foi feito e que há muito a se fazer, até que uma verdadeira e efetiva Reforma Agrária seja realizada em nosso país e que todos os seres humanos possam ter uma vida digna.

Nesses 29 anos de experiência, o MST alcançou vitórias e provocou muitas polêmicas seja à direita ou à esquerda, mas é incontestável sua contribuição para o fortalecimento da organização política da classe trabalhadora. Nesse momento enfrenta um dos seus maiores desafios que é se autoavaliar e conseqüentemente se renovar construindo

novas formas de intervenção em uma conjuntura de fragmentação da esquerda, avanço do autoritarismo e investidas do capital.

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Lúcio Flávio de; SÁNCHEZ, Félix Ruiz. Um grão menos amargo das ironias da história: o MST e as lutas sociais contra o neoliberalismo. *Lutas Sociais* n. 5. São Paulo: Xamã, 1998.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOGO, Ademar. O vigor da mística. *Caderno de Cultura*, n. 02, São Paulo:MST, 2002.
- EAGLETON, Terry. Ideologia. São Paulo: Boitempo, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. Maquiavel, a política e o Estado moderno. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. 6ª. Ed. Petropolis: Vozes, 1996.
- MARX, Karl. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: MARX, Karl. A revolução antes da revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MÉSZÁROS, István. O poder da ideologia. São Paulo: Ensaio, 1996.
- MORISSAWA, Mitsue. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- PETRAS, James. As esquerdas e as novas lutas sociais na América Latina. *Lutas Sociais*, n. 2, 1997.
- POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o socialismo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- RUDÉ, George. Ideologia e protesto popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- SILVA, Ilse Gomes. Democracia e participação na reforma do Estado. São Paulo: Cortez, 2003.
- SOUZA, Davisson C. C. de. Lutas sociais e tradições de luta no Brasil nos anos 2000. *Lutas Sociais*, n. 25/26, São Paulo, 2010.
- THERBORN, Goran. A formação ideológica dos sujeitos humanos. *Lutas Sociais*, n. 01. São Paulo: Xamã, 1996.

ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996).

Sítios:

[www.mst.org.br/node/7702](http://www.mst.org.br/node/7702). acessado em 22/05/2013